

4. A Batalha

EDGAR RODRIGUES

Tratado de "A Revolta da Madeira",
recolha e organização de
documentos

João Soares

Coloca de "Perspectivas e Realidades"
Abril 1979

A «Batalha» jornal de tendência anarco-sindicalista publicou-se no Funchal desde 8 de Maio de 1926 até meados de 1935.

Exprimia as posições do movimento operário local. O seu cabeçalho era idêntico ao do seu homónimo lisboeta, diário, também órgão da organização sindical, com uma orientação igualmente anarco-sindicalista.

A «Batalha», do Funchal, publicou-se sem censura prévia enquanto durou o movimento revolucionário de 4 de Abril, e pode dizer-se que o apoiou francamente.

O jornal dirigido de facto, durante todo este período, por Mário Castelhana, que tinha igualmente dirigido o seu congénere lisboeta, foi fiel no fundo à ideia por este expressa nas suas memórias de que «... é preferível (muitos pensarão o contrário) uma situação onde, pelo menos, possamos falar, reunir, organizar e desenvolver a nossa propaganda, mesmo enfrentando violências certas, do que suportar em silêncio uma tirania de natureza ditatorial»¹.

¹ Mário Castelhana — «Quatro anos de deportação» (pág. 189).



Artigo de 1.^a página do n.º 39 reproduzido por Mário Castelhano no seu livro.

PARA A LUTA

«É nos momentos psicológicos como o que a Madeira está vivendo que se vêem as qualidades de um povo, o seu estado de espírito, o seu valor intrínseco, a sua coragem e decisão.

É nestes momentos que se analisa o grau da sua mentalidade, na concepção elevada ou restrita da vida, nos seus interessantes e vários aspectos, que a tornam livre, próspera e saudável, ou oprimida, triste, raquítica!

É nestes momentos que a alma de um povo se abre à análise de todo o mundo e se conquista uma posição inconfundível na grande luta travada entre a tirania e a liberdade.

E o povo da Madeira, que tão bem soube corresponder ao início do movimento, tem demonstrado, no decorrer do mesmo a sua grande fé numa vitória certa.

É necessário que esta fé se radique cada vez mais profundamente no seu espírito e o disponha a demover todos os obstáculos que se anteponham ao resultado que todos anseiam — a queda da ditadura; que tanto e tanto mal tem feito à Madeira e a todo o País.

A classe trabalhadora, sempre a mais sacrificada com os regimes de força e da reacção, sabe bem qual o papel que lhe está designado neste conflito.

Lutar, se necessário for, até vencer! E há-de vencer custe o que custar!

Há-de vencer-se, porque tem de vencer-se!

Não é de agora, não é de há meses, a tirania exercida na Madeira pelos ditadores. Ela vem de longe, como reflexo das medidas draconeanas dos super-homens que pretendiam jugular um povo que sente, em toda a parte onde se encontra, um frémito constante de liberdade e de justiça!

Mesmo que não houvesse razões de ordem local a impor um movimento desta natureza, bastaria que trabalhadores como nós, no continente, houvessem sofrido as maiores perseguições, as mais nefandas violências corporais, para que o nosso sentimento de solidariedade se manifestasse exuberante no estatelamento da ditadura.

O assalto aos organismos operários, a destruição dos respectivos móveis, o cerceamento da mais insignificante regalia, a ex-



ploração ignóbil, por intermédio dos mais pesados impostos e que reduziu tudo à expressão aguda da miséria que se observa em todo o País, as dezenas de milhares de desempregados que definham nos tugúrios miseráveis em que vegetam; desempregados que na Madeira se contam às centenas, tudo quanto denota vilipêndio, maldade, opressão, seria o suficiente a colocar-nos ao lado dos que sofrem as consequências das suas nobres atitudes.

Estão entre nós dezenas de deportados — civis e militares — que há anos vêm sofrendo, quer em África, quer nas Ilhas, física e moralmente, a tortura de uma situação que não pode perdurar para honra do povo português.

Entre esses deportados alguns há que têm dado todo o seu esforço em prol da classe trabalhadora.

Como poderíamos nós, em presença de tanta e tanta perseguição, ficar silenciosos?

Os trabalhadores da Madeira, só têm um caminho a seguir nesta excepcional emergência; unirem-se a todas as vítimas da ditadura e lutarem a seu lado, ao lado da guarnição militar que rompeu fogo contra a mesma e lutar, lutar, lutar, até vencer!

Nem que para isso tenhamos de abrir o peito às balas dos tiranos!

À luta, pois!»

Artigo do dirigente anarco-sindicalista Manuel Henriques Rijo publicado no n.º 39 de 13 de Abril.

OS TRABALHADORES DA MADEIRA SABEM CUMPRIR COM O SEU DEVER

Os trabalhadores da Madeira, têm atravessado uma situação económica difícil, a miséria já lhes invade os lares, a crise do trabalho é assustadora.

A ditadura, com as suas violências, destruiu-lhes a organização sindical, suspendeu-lhes a imprensa onde podiam fazer ouvir os seus justos protestos. Com todas estas violências julgaram os ditadores que tinham conseguido aniquilar de vez o espírito de rebeldia dos que trabalham.

Miseráveis e ditadores, imbecis governantes, que não souberam ver que a opressão gera a revolta!

Quem diria que os trabalhadores sem organização sindical e sem imprensa que os defendesse, seriam capazes de vir à rua

protestar com altivez contra a atitude dos governantes e dos gananciosos moageiros que pretendiam aproveitar o momento para arrancar-lhes aos seus lares famintos os últimos centavos.

Os trabalhadores da Madeira, colocados na situação de se deixarem morrer de fome ou revoltarem-se, não vacilaram e foram para a rua reclamar, com toda a serenidade e confiança, na razão que lhes assistia na sua forte união.

No dia 4 de Fevereiro puderam os ditadores verificar que o povo da Madeira não estava disposto a permitir que escarnecessem mais da sua miséria.

Foi tão grande a manifestação de protesto contra o «decreto de fome» que os ditadores não tiveram coragem de o manter, mas só depois de terem baqueado alguns trabalhadores, resolveram então suspender o aludido decreto. Essa suspensão não era com intuito de beneficiar o povo mas somente para o ludibriar, conforme se constatou poucos dias depois do movimento ter terminado.

A ditadura tinha recebido um golpe que a abalou profundamente mas para satisfazer a vontade dos moageiros era preciso por em vigor o famigerado decreto, nem que para isso fosse preciso prender e deportar todos que a tal se opusessem. Estava pois, na Madeira, estabelecido o regime da idade medieval — os trabalhadores escravizados.

A guarnição Militar da Madeira não querendo que em seu nome se cometessem maiores barbaridades que as que já haviam sido cometidas, resolveu revoltar-se. Os trabalhadores desde a primeira hora deram a sua adesão moral a esse movimento. E quantos não estão já ao serviço da revolução por terem sido mobilizados.

Mas há ainda muitos trabalhadores da Madeira que se dispõem para a luta logo que a sua acção seja necessária.

Os trabalhadores da Madeira sentem como os seus irmãos do continente todas as violências cometidas pela ditadura contra os que defendem a liberdade e portanto no momento em que os ditadores ousem atacar-nos eles saberão pegar em armas para defender a sua terra e contribuir para a queda do regime de tirania.

Firmeza e verdadeira união entre todos os trabalhadores é o que é necessário.



Artigo não assinado atribuído a Mário Castelhana por Jacinto Baptista no seu livro «Surgindo vem ao longe a nova aurora...»

O ESPECTRO... DAS DEPORTAÇÕES

Quem tenha acompanhado, dia a dia, os actos dos homens que há cinco anos vêm reduzindo o povo português à situação mais aviltante que conhecemos, chegou, decerto como nós, a essa conclusão: ou tudo se submetia ao critério comesinho dos ditadores ou a prisão seguida de deportação, seria a sorte que esperava os que protestavam contra tanta exploração e iniquidade.

E assim foi de facto durante muito tempo.

Em África, chegaram a estar milhares de deportados que, no Continente, pelas suas atitudes desassombradas, haviam conquistado o ódio dos ditadores.

Alguns morreram por lá, outros vieram morrer aos Açores e de alguns sabemos nós que estão arruinados para sempre! Nem as lágrimas das companheiras queridas, nem as súplicas dos filhos adorados, sensibilizaram os homens que, pela força, pretendiam converter o povo português a um submisso e criminoso silêncio.

Ainda agora, depois de tantos sofrimentos, depois de em África, durante anos, terem sofrido as inclemências dum clima depauperante, e duma situação económica difficilissima ainda agora, se dispunham a enviar para Cabo Verde e Guiné dezenas de vítimas!

Profundamente desumano!

Profundamente miserável!

Ao povo da Madeira também lhe haviam reservado igual destino. Perto de quatrocentos deportados eram os que seguiriam brevemente para as mesmas paragens africanas.

Isto, sem respeito, nem sequer a mínima consideração, pelos interesses da Madeira, espesinhados por um grupo de incompetentes, que se julgavam senhores, nesta terra onde a miséria lavra intensamente, onde a fome se instalou já em muitos lares!

Estas deportações seriam feitas sem um pálido protesto dos que hoje choram já a sua situação, mas jamais pensaram no sofrimento que o seu indiferentismo, conivência ou responsabilidade directa, originaram a tantos e tantos entes que foram suas vítimas.

Hoje, horroriza-os a visão duma situação idêntica!

Hoje, têm medo de assumir a responsabilidade dos seus actos!

E é em presença deste confronto que nós admiramos sobre-

maneira a altivez, a firmeza de carácter, o espírito de combatividade, dos deportados da ditadura de há cinco anos!

Era observar-lhes a esperança, a certeza de uma vitória nítida, através de milhares de sacrifícios, mas sempre com uma grandeza d'alma admirável.

Hoje os tiranos vêem as deportações como um espectro!...

E os deportados da Ditadura continuam na luta em defesa da Liberdade!

Isto é nobreza!

Aquilo, e... miséria moral.

E fica tudo dito.

18 de Abril

Pequena nota inserta no n.º 40.

O BLOQUEIO DA MADEIRA

O bloqueio?! — que nos importa a nós que ele se realize imposto pelos piratas da ditadura de Lisboa!

A Madeira, que conheceu os horrores dum verdadeiro bloqueio, no tempo da Grande Guerra, não pode deixar de soltar uma formidável gargalhada de escárnio à palhaçada carnavalesca de Carmona, Salazar e C.ª.

Não julguem que estamos escrevendo a rir, porque a nossa indignação é sumamente seria.

Render a Madeira à fome?! — Miseráveis! Bandoleiros! Truões!!!

A Madeira está mais que suficientemente abastecida e armada para resistir durante os 21 dias, que nos faltam a fim de que internacionalmente nos sejam reconhecidas altas regalias legais.

Pois a única consequência que nos pode advir do bloqueio é maior Liberdade e mais alta dignidade!

Artigo de Teófilo Rodrigues no n.º 40.

MARCANDO POSIÇÕES

AVANTE, SEM TEMER!!!...

O movimento de 4 não teve carácter político...

Andam por aí, alguns magnates da Ditadura, dizendo que



ele obedeceu, unicamente, ao pensamento óbvio dos democráticos!...

É falso, irrefutavelmente falso, tudo quanto a esse respeito venham dizer.

Quem fez o movimento, quem marcou posições, foi a população desta Ilha, preparando o campo de acção onde os nossos soldados deviam manobrar.

Estes que são do Povo; que têm por lema defender a sociedade, vendo que era ignomínia e insidia consentir na deportação dos Madeirenses, porque haviam defendido os seus justos interesses, depois de constantes solicitações, quiseram pôr cobro a esse vil processo de vingança e de opressão.

Então, sem hesitarem, prenderam o verdugo dos madeirenses esse Delegado — que quando da sua chegada à Madeira hipocritamente nos prometeu trabalho!

Fomos no bote!... Mas a nossa imbecilidade, aproveitada para nos ludibriarem acabou, e, preparando o terreno, lutando com as forças armadas, proporcionamos-lhes agora uma vitória retumbante...

Justamente dois meses antes do dia 4 — a 4 de Fevereiro também — o povo madeirense reunia para nos dias seguintes, pedir e conseguir, a anulação do Decreto da Fome!

Todavia, depois de algumas mortes é que a infame Ditadura se resolveu a suspender esse Decreto, que a sociedade, neste homicida.

A Ditadura foi sempre assim!

Esperavam primeiro que alguns innocentes morressem para então darem uma incompleta satisfação ao Povo que os sustentava!

Não queremos sujeitar-nos ao jugo mesquinho e horripilante da Ditadura.

Os nossos nervos, agora, revoltam-se contra a Ditadura, com mais fúria ainda do que o vento, quando brame aterradoramente!...

Não... Não queremos um governo que não satisfaça as nossas justas reclamações!

Não! Mil vezes não!!

O Povo madeirense, o Povo, por completo, de Portugal, não quer mais a ditadura.

Não só porque nos tenha imposto pesadas contribuições, mas porque tira de uns para dar a outros; porque rouba a várias famílias os entes mais queridos, enviando-os para longe, onde não têm as comodidades do seu lar, as atenções da sua familia que pedaços de fome e de amargura se vê obrigada a passar!...

Não queremos a Ditadura, com todas as veras o dizemos, porque queria fazer-nos morrer de fome e de envenenamento, a nós que, com o nosso trabalho representamos uma força digna e honrada!

Temos sustentado muitos pançudos e continuávamos vivendo como no século passado se não fosse o empreendimento audaz de alguns particulares!

O pouco que temos veio exclusivamente do nosso esforço!

Portanto, não precisamos da Ditadura, a sua anomalia perdeu-a e arrastou-nos na queda!...

Os operários, deixando o seu trabalho, sem olharem à fome porque passariam seus filhos e mulheres, incitados pelo mais magnanime sentimento, têm corrido pressurosos a oferecer os seus serviços e objectos necessários aos militares...

Ainda ontem vimos um gesto nobre e espontâneo dum cidadão já muito velho, oferecendo o seu grande casaco a um soldado tiritando de frio, por não ter capote!

O soldado, porque também queria sacrificar-se agradeceu ao nobre velho a sua espontânea oferta.

O Povo madeirense, se preciso for, mil vezes lutará e mil fantoches deitará para o caixote do lixo, desde que não saibam ser razoáveis.

Estávamos todos a postos e continuamos a marcar posições. Avançaremos, sem temer, e venceremos o bloqueio. Viva a Autonomia Administrativa!...

Artigo não assinado aparecido no n.º 40.

O INICIO DA LUTA

Foi no dia 4 de Fevereiro que os trabalhadores da Madeira, unidos num só pensamento, iniciaram o primeiro gesto de revolta contra o regime de violência e exploração de que há anos vinham sendo vítimas.

Várias foram as causas que determinaram a revolta, mas duas houve que suplantaram todas as outras e que foram: a defesa das liberdades cerceadas há perto de 5 anos e a publicação do decreto da fome.

A ditadura, que nada mais tinha feito do que abafar, pelas armas e ofensas corporais, a voz do povo, que reclamava mais liberdade e mais pão, pretendia reduzir os trabalhadores da Madeira à mesma situação.

Não bastava a censura à Imprensa, a crise do trabalho que cada vez mais se fazia sentir, os impostos elevadíssimos, a ponto

de nenhum trabalhador poder satisfazer as mais rudimentares necessidades, publicava e punha em execução um decreto que levaria a classe operária da Madeira à maior das misérias, só para beneficiar meia dúzia de gananciosos moageiros que possivelmente comungam nos mesmos pensamentos dos que assaltaram o poder contra a vontade da nação.

Sendo, portanto os trabalhadores os mais directamente atingidos por mais essa violência cometida pela ditadura, foram eles que dentro do mais legítimo direito de defesa, reclamaram junto dos representantes da mesma, a abolição pura e simples do desumano e ilegal decreto.

A ditadura viu nesse momento o perigo se persistisse na sua teimosia em manter o injustificável decreto, resolveu então dar conhecimento, por intermédio dos seus ignóbeis lacaios, que suspenderia o referido decreto e ordenaria um rigoroso inquérito aos acontecimentos. Era de prever que em face dum movimento tão justo não se cometesse a menor violência contra o povo e se adoptasse a única medida lógica e accitável: revogação pura e simples do decreto. Mas não!

Era preciso que o povo da Madeira sentisse bem os horrores da ditadura e como não fossem suficientes os representantes que aqui se encontravam, enviam para cá quem, já nos Açores, tinha cometido toda a série de violências.

Os trabalhadores da Madeira, em virtude da suspensão do decreto da fome e a rogo das autoridades locais, suspenderam a luta encetada, esperando então melhor oportunidade para recommençar.

No dia 4 do corrente, a guarnição militar da Madeira num gesto nobre e altivo, dava o último golpe no regime da tirania. Não estava só a guarnição, porque, com ela, estavam todos os trabalhadores da Madeira, todas as vítimas da ditadura, e se necessário for pegar em armas, lá estarão a seu lado, dispostos a dar a vida, para que a liberdade triunfe, para que o passado não volte.

Artigo de Luís Marino publicado no n.º 40.

«PELA SANTA LIBERDADE
TRIUNFAR OU PERECER!»

A Liberdade, que foi conquistada através dos séculos, a custo de caudalosos rios de sangue; estava em Portugal iminente a desaparecer, eclipsada por um governo despota e imbecil — a Ditadura — que tiranicamente nos vinha oprimindo, tirando-nos

o que de mais Santo tínhamos — a nossa Liberdade — e enviando para as costas de África, como se fossem assassinos e ladrões da pior espécie, aqueles que altivamente se revoltavam contra tanta injustiça e tirania.

Estão prestes a desaparecer para sempre do bendito solo de Portugal, esses modernos Torquemadas...

A Madeira, Ilha do Sol, baluarte da Liberdade; pode orgulhar-se de ter escrito em letras de ouro na sua história, o seu maior e mais glorioso feito.

Bendito o dia 4 de Abril de 1931, dia da ressurreição da Liberdade.

Glória à Guarnição da Madeira, que não querendo colaborar na obra infame de bandidos, pronunciou-se, restaurou as liberdades públicas!

Ousará o governo ilegal da Ditadura tirar-no-las outra vez? Não! Não creio, porque todos nós estamos dispostos a defendê-las, encarniçadamente, até ao fim.

A vida sem liberdade nada vale por isso, nós «Pela Santa Liberdade» e tendo por lema «Triunfar ou perecer», hávemo-nos de mostrar ao mundo inteiro que somos descendentes dos Portugueses de outrora.

ABAIXO A TIRANIA! VIVA A LIBERDADE!

Artigo de fundo do n.º 40, reproduzido nas memórias de Mário Castelhana, «Quatro anos de deportação».

PROSSIGAMOS!

«Com esta situação de aparente adormecimento, está-se dermindo, na Madeira e no restante País, uma das mais graves questões que em Portugal, sob o aspecto político, económico e social, se tem apresentado à apreciação de quem, a estes problemas, dedica a sua atenção.

É porque, o mal é mais profundo do que parece à primeira vista. A Madeira, sentiu-o já, em parte, e o que não viria a sofrer se mais permitisse, se silenciosa ficasse, ante as infames violências que perpetravam fazer-lhe?!

Toda a sua vida económica, já difficilima por razões de ordem internacional, que se reflectem de país para país, mutuamente, atendendo à errada base individual da sociedade, se tornaria num caos, pelas medidas, verdadeiramente iníquas, que a ditadura lhe tinha imposto. Ao restante succeder-lhe-ia o mesmo.

O apoio ao grande capital — haja em vista o decreto do pão que a esta terra tão trágicas consequências trouxe — o auxí-

lio ao Banco Nacional Ultramarino: CEM MIL CONTOS dispendidos com o maior descaramento, enquanto no país CEM MIL TRABALHADORES morrem de fome, pela enorme crise de trabalho que já o avassala; o definhamento contínuo do povo pelas constantes exigências fiscais impostas e com ele o alastrar aterrador da tuberculose, a ponto de, no Continente, se contarem em 30 000 as criaturas que, por ano, morrem atacadas pelo terrível mal, estando já a sentir-se na Madeira esse flagelo, devido à miséria que aqui lavra; o indiferentismo absoluto pelas condições de vida — em qualquer aspecto que as analisemos — do proletariado e, os princípios ultra-conservadores das ditaduras, na pretensão de esmagarem, pela violência, os anseios de liberdade dos povos em permanente agitação; sintomas estes de uma mentalidade doentia e que só um salutar reagente poderá modificar, são facetas do transcendente problema em equação.

Evidentemente que a sua solução, não depende apenas do atemorizar da ditadura, mas de transformações radicais na base das sociedades; contudo, o maior mal, estava consubstanciado nessa situação de há cinco anos, pelas medidas absolutamente desumanas, cerceadoras da mais simples regalia até hoje conquistada através dos maiores sacrifícios, medidas que só provocaram miséria, luto e sangue.

Se começarmos por analisar a chamada obra financeira da ditadura, verificaremos sem esforço, que ela representa o ponto de partida para a desagregação económica em que o País se encontra; empobrecimento da agricultura; definhamento da indústria e das restantes fontes de riqueza.

Fazendo incidir sobre elas as maiores contribuições, reduzindo o número de trabalhadores colocados, defendendo a grande propriedade e centralizando empresas industriais que só têm em mira a exploração do público e dos seus empregados, conclui que, desta forma, poderia salvar, aparentemente, a situação financeira do Estado.

Finalmente, nem a sua situação política foi capaz de defender, agravando tudo e sujeitos estaríamos a morrer todos de inacção, se não nos restasse ainda um pouco de energia para, neste momento, deitarmos por terra o símbolo da tirania e da desgraça.

Mas, se no aspecto financeiro a ditadura inscreveu a sua morte, mesmo com todos os superávits apresentados, visto que, por outro lado, o défice de riqueza física aumentava aterradoramente: era ver o aspecto famélico das populações — sem pão e sem liberdade! — na questão propriamente dita política, económica e social, que desastrada foi a sua atitude.

Querer, hoje, resolver problemas que, cada vez mais se relacionam entre si, com teorias de um nacionalismo incompetente e falho de base científica, desligado das necessidades comuns dos restantes povos, é o mesmo que caminhar para a morte de olhos vendados.

Querer que um povo se baste a si próprio — o que é impossível, mercê da tendência progressiva das ideias e da multiplicidade de aspectos económicos, políticos e sentimentais que envolvem o mundo — e retirar-lhe todas as condições que o poderão fazer desenvolver, reduzindo-o à expressão simples de miséria em que vive, é o mesmo que votá-lo ao mais criminoso abandono, à morte mais desgraçada, à mais infeliz das situações. Ora o povo português, não podia por mais tempo suportar tal situação.

A Madeira, dando o primeiro grito, marcou indelevelmente nas páginas da sua história um galardão de glória, de consciência e de espírito livre.

Prossigamos, pois na luta até à queda total da ditadura. Depois, colaboraremos com o restante proletariado, na conquista de direitos inofismáveis, no advento de princípios sociais mais justos e equilibrados.»

Artigo de D. Lopes Bibi, publicado no n.º 40.

AVANCEMOS

Nos tempos que vão correndo, em que os princípios da liberdade ecoam por todo o Mundo, não podem os operários da Madeira ficar indiferentes perante o progresso dessas ideias.

Acaba o povo Espanhol de depor um Rei que procurava por todos os meios aguentar um trono carcomido, que os liberais monárquicos queriam, contrariando as aspirações da massa trabalhadora, sustentar por mais algum tempo.

O povo Espanhol, que durante sete anos sentiu o peso férreo duma ditadura militarista, não desarmou, procurou antes organizar-se fortemente, prevendo que mais ano menos ano ela baquearia, para dar lugar a uma sociedade que pudesse vir a dar-lhe mais um pouco de liberdade.

Primo de Rivera, na sua mentalidade reacionária, nunca supôs que da obra desastrosa que estava realizando pudesse — ainda que ao de leve —, contribuir para a modificação rápida do regime político que, contra a vontade desse povo, o vinha afogando em sangue.



A queda da monarquia Espanhola representa — não só para Portugal — mas para todo o Mundo, que as ideias de progresso e de renovação social ninguém as pode entrar e se alguém pensa — erradamente quanto a nós — opor um dique a essa marcha ascendente dos povos, é porque não raciocina, não estuda as várias questões que neste momento nos afligem e que na actual sociedade jamais terão solução.

Ainda que o novo regime político Espanhol venha atenuar um pouco a situação desse povo, isso pouco representa porque os seus mais insignificantes problemas estão tão ligados aos outros povos, que serão diminutos os seus resultados. Para nós, porém, a implantação da República em Espanha algo representa e pensamos assim, porque temos analisado serenamente todas as manifestações das suas modernas gerações intelectuais e então chegamos a esta conclusão clara: elas desejam mais alguma coisa que a simples mudança de um rei por um presidente e a modificação das cores duma bandeira que servia de capa a uma caterva de jesuitas, e por isso enveredarão por novos rumos.

Os próprios políticos monárquicos afirmavam que defendiam a República, não porque a sentissem, mas porque verificavam que a vontade do povo se opunha à monarquia e o des- crédito a que tinha chegado o Rei e toda a sua camarilha.

Mas o que quer o povo Espanhol, assim como todos os povos internacionalmente falando?

Apenas isto: que a humanidade caminhe na marcha ascendente do progresso, transformando radicalmente a sociedade porque só assim, poderão ter solução os mais difíceis problemas que oprimem as classes productoras.

Portanto, termino como comecei:
Avancemos!

Madeira, Abril de 1931.

NA BARRICADA

Após cinco anos de tortura e sacrificio, manietado por um governo de despotas e incompetentes, eis que o povo da Madeira, recundando a guarnição militar, rompe com os tiranos e proclama um regime de liberdade.

Durante estes cinco anos o povo português sofreu a mais odiosa perseguição de que há memória nos anais da nossa historia.

Neste curto espaço de tempo — que pouco representa para a vida de um povo — os representantes da ditadura «Carmo-

neana» nada mais fizeram do que espalhar o luto, a fome e a miséria nos lares de todos os portugueses.

Prisões e deportações em massa, espancamentos brutais e porque não dizê-lo? assassinatos até, de tudo se valiam para sustentarem nas cadeiras do poder essa meia dúzia de tiranos.

Não estando satisfeitos com a tirania que no Continente vinham exercendo, estendiam já a vingança ao povo da Madeira, era assim que queriam responder ao gesto nobre e altruista do mesmo, motivado pelo célebre decreto da fome que os Madeirenses souberam fazer derruir.

A censura à imprensa para que não se pudessem conhecer as falcatruas praticadas pelos homens da ditadura, a suspensão dos jornais que não defendiam a camarilha, os assaltos aos organismos operários pelo crime de reclamarem o que de direito lhes pertence é motivo mais que suficiente para justificar a revolta dum povo que quer e tem o direito de ser livre e acompanhar o progresso em todas as suas manifestações.

Os proletários da Madeira estão dispostos, se tanto for necessário, a empunhar novamente as armas para defender a liberdade.

Podem os homens da ditadura ameaçar-nos com bloqueios fantasmas, espalhar a calúnia como sempre têm feito, que nós nem por isso desarmamos, não recuaremos um palmo da barricada em que nos encontramos ainda que para isso tenhamos a mais renhida das lutas.

Queremos ser livres, não autorizamos seja a quem for que nos queira cortar o direito de liberdade, queremos caminhar e por isso nos orgulhamos de ter consciência e a compreensão nítida dos nossos deveres de trabalhadores organizados.

Principiámos a luta, nela nos manteremos até ao último momento da nossa vida.

E jamais deixaremos de gritar.

VIVA A LIBERDADE

VIVA A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ABAIXO A TIRANIA

25 de Abril

Nota de Mário Castelhana na 1.ª página do n.º 41.

Pretendem atacar a Madeira?

Querem que o sangue corra pelos fragedos da serra e tija as águas do oceano num combate de irmãos, vítimas do mesmo mal?



Quem poderá recuar?

Os homens, as classes, os povos enfim, devem afirmar-se nos momentos da luta com o seu sentimento, com a sua mentalidade e, sobretudo, com a sua acção.

Os trabalhadores da Madeira, os mais sacrificados a todas as pressões, de novo as encontrarão na linha de fogo, expondo o peito às balas dos tiranos, mas ripostando com firmeza e valentia, para que uma situação infamante baqueie para sempre em Portugal.

É essa a missão de todos nós. Cumpramo-la decididamente.

Mário Castelhana

Artigo não assinado na 1.ª página do número 41.

O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO NOS AÇORES

A história há-de fazer-se.

A história há-de dizer-nos o que foi esse rasgo de audácia, de verdadeiro sentimento liberal, dos revolucionários dos Açores. Mas a história por vezes é omissa; a história não é completa.

Arquivemos portanto aqui os dados que, no futuro, poderão servir de base ao descrever dos acontecimentos que, neste momento, envolvem as populações das ilhas adjacentes.

É nosso dever fazer salientar, primeiro do que tudo, o grande espírito de solidariedade que animou os revolucionários dos Açores, acompanhando-nos, não só em espírito como com armas na mão, nesta luta que a Madeira iniciou e que todo o povo português secunda.

É necessário frizar bem que o ambiente nos Açores não era tão favorável à eclosão dum movimento contra a ditadura conquanto esta tivesse causado, em toda a parte, um mal estar profundo, consequência das suas iniquidades.

Este facto, de primordial importância, ainda mais sobressai a atitude dos revolucionários dos Açores que lutaram com as maiores dificuldades para nos apoiarem na luta, nesta emergência em que nos encontramos envolvidos.

Foi exactamente devido à sua espontânea, sincera e eloquente decisão que os revolucionários da Madeira conseguiram robustecer a sua defesa, duma forma admirável e se encontram aptos a repelir todos os ataques que se lhes apresentem.

O embaraço causado pelos revolucionários dos Açores nos maquiavélicos planos dos ditadores, tem de registar-se já para

que nunca esqueça, como um dos mais elevados actos deste conflito em marcha.

Quer em Ponta Delgada, quer em Angra, cuja atmosfera, repetimos, não era de molde à luta tão intensa como na Madeira, os revolucionários, com as suas rápidas e enérgicas atitudes, marcaram um lugar de destaque no momento que decorre.

Julgamos nosso dever vincar bem este gesto, para que justiça se faça a todos.

O decorrer do movimento revolucionário nos Açores tem sido já descrito na imprensa diária, faltando ainda conhecer pormenores que mais tarde virão reforçar decerto as afirmações aqui feitas, colocando no lugar merecido o grande gesto de solidariedade dos revolucionários dos Açores.

Artigo de fundo do n.º 41.

EM FRENTE!

Quem tenha acompanhado o decorrer dos acontecimentos que agitam a população da Madeira de há uns meses para cá, terá observado o seu lógico encadeamento e uma desastrada visão dos homens que a ditadura aqui colocou.

Que eloquentíssima lição não terão tirado todos os que julgavam, pela violência, reduzir ao silêncio duas centenas de milhar de pessoas, que querem ser respeitadas na sua dignidade, nos seus direitos, nas suas atitudes cheias de Justiça e de Razão!

Quem fez a revolta na Madeira?

Quem fez com que a guarnição militar se pronunciasse no dia 4 do corrente?

Quem fez com que milhares de rapazes, filhos desta terra, pegassem em armas contra uma situação vexatória que oprimia miseravelmente o país?

Quem fez com que o povo se sinta entusiasmado e disposto aos maiores sacrifícios para que se não volte ao passado envolto no sangue das vítimas de Fevereiro?

Quem?

Todos os que há cinco anos vêm exercendo a maior tirania sobre o povo português

Os Madeirenses sentiam já antes mesmo de terem que manifestar-se na rua contra as extorsões de que iam ser vítimas, o sofrimento dos seus irmãos do continente, mais directamente atingidos pelos ditadores.

A classe trabalhadora da Madeira não lhe havia passado despercebido o ataque sistemático dirigido à organização operária



portuguesa, contra os seus organismos, sobre os seus militantes, destruindo aqueles, espancando e deportando estes, numa feroz sanha de extermínio.

Acendeu-se o rastilho, com a protecção escandalosa que à moagem se queria fazer com o chamado «Decreto da Fome».

E a combustão deu-se.

E o estado de espírito do povo ficou bem vincado nesses dias de luta sustentada contra o referido Decreto.

E só a revolta do povo conseguiu fazer encolher as garras aos exploradores.

Depois, em vez de serenamente se estudar a causa dos acontecimentos desenrolados; em vez de se atender à voz do povo que, além de ser a maioria, é quem tem razão, e morre à fome, em vez de se aprofundar, com inteligência e saber, até que ponto é o trabalho de sapa dos moageiros e até que ponto também é o estado de excitação em que todos se encontravam; em vez de se demonstrar, sinceramente, com actos práticos e honestos, uma fórmula de atender às necessidades da população, pelo contrario, secretamente, hipocritamente, rancorosamente, dispõem-se à reivindicta, à vingança, à tragédia!

Estupidos e maus!

Estupidos, porque provaram desconhecer em absoluto a psicologia do povo e os mais elementares princípios de Sociologia, que lhes fariam compreender o caminho errado que trilhavam.

Estupidos, porque torvados na sua sede de maldade e opressão, nem sequer viam que, não só nos madeirenses essa excitação aumentava, mas até mesmo em todas as restantes pessoas que aqui vivem, que sentem as amarguras, as tristezas, a miséria desta gente.

Estupidos, porque levaram a própria guarnição militar à apreciação dos seus encobertos intuítos e à consequente revolta patenteada;

Maus, porque revelaram nesse drama que engendravam surtamente, o quanto de perfídia e de mentira traduziam os seus gestos;

Maus, porque não sentiam vislumbres de sentimento na desgraça que iriam provocar com as centenas de deportações para a Africa;

Maus, porque instrumentos de uma educação velhaca e jesuita, castradora das boas qualidades que os homens devem possuir.

E foi assim que a atmosfera mais e mais se preparou para a eclosão do movimento de 4 de Abril.

Agora, todas as causas se juntaram, desde a solidariedade espiritual a todas as vítimas anteriores, contra todas as prepo-

tências cometidas aqui, nos Açores, em África, no Continente, à compreensão nítida de que o mal era só um — a ditadura. Nela, é que reside a causa de muitos males que affectam o povo português vai para cinco anos.

Nela, é que está o virus odiento a tudo quanto represente elevação de princípios, igualdade, liberdade, justiça e fraternidade.

Nela, é que está consubstanciado o esmagamento de todas as legítimas aspirações do povo.

Ora, chegado a este ponto, quem poderá vacilar?

Pois, sendo os trabalhadores sempre os mais directa e indirectamente atingidos nas lutas contra a opressão, não cederão um passo no caminho traçado.

Manter-se-ão na luta até ao fim, até que a ditadura caia, dentro dos seus próprios crimes.

Nota publicada na última página do n.º 41.

O ENCERRAMENTO DAS UNIVERSIDADES QUE TALENTOS...

Parece que os cérebros dos ditadores cada vez se ofuscam mais com a luz resplandecente da Liberdade.

O que é digno de apreciar-se e não deve portanto ficar em claro, revelador duma mentalidade uniforme entre todos os tiranos, é o facto de em Espanha, Berenguer, ter também encerrado as Universidades, de nada lhe servindo tal gesto, pelo contrário, maior agitação produziu entre a respectiva Academia! Pode até afirmar-se, sem receio de desmentido, que os estudantes espanhóis contribuíram denodadamente para a mudança de regime que acaba de dar-se naquele país.

Referimo-nos, no suplemento que há dias publicámos, à atitude da Academia no continente. Sabiamo-la forte e decidida contra a ditadura.

Não nos admira por isso, a notícia do encerramento das Universidades. O que nos mete dó é o procedimento dos ditadores.

Como se fosse possível interceptar, ou sequer desviar, a corrente enorme desse rio que é a Ideia em marcha!

QUE IMBECIS!

